

ARA VOTIVA ENCONTRADA NO SABUGAL
(*Conventus Emeritensis*)

Ara votiva de granito grosseiro identificada, em Janeiro de 2001, durante as obras de reabilitação dum edifício para construção do Museu Municipal, situado no Largo de São Tiago¹. O monumento encontrava-se reutilizado na parede traseira do imóvel e actualmente está depositado na Câmara Municipal do Sabugal, vindo futuramente a ser exposto no próprio museu. Trata-se de uma peça rudemente afeiçãoada e muito danificada, sobretudo do lado direito, pela sua adaptação a elemento de construção. O capitel apresenta fôculo central elevado e quadrangular (20 x 19 cm). A moldura que separa o capitel do fuste é constituída por um duplo filete, pouco saliente, que foi totalmente picado na parte frontal. O fuste apresenta-se pouco alisado e é mais estreito na base que no topo – efeito que terá sido acentuado pelos danos que sofreu na face lateral direita ou produzido propositadamente por motivos estéticos. A base separa-se do fuste por um ressalto ligeiramente pronunciado.

Dimensões: 91 x 28/21/26 x 30/27.

VALENS · / AETI(o) / L(ibens) · V(otum) · S(olvit) ·

Valente cumpriu o voto de livre vontade a Écio.

Altura das letras: l.1: 7,5 (N = 8,4; E = 6,5); l. 2: 7,5; l. 3: 7.
Espaços: 1: 1; 2: 1,5/2,5; 3: 0,8/1,5; 4: 5/6.

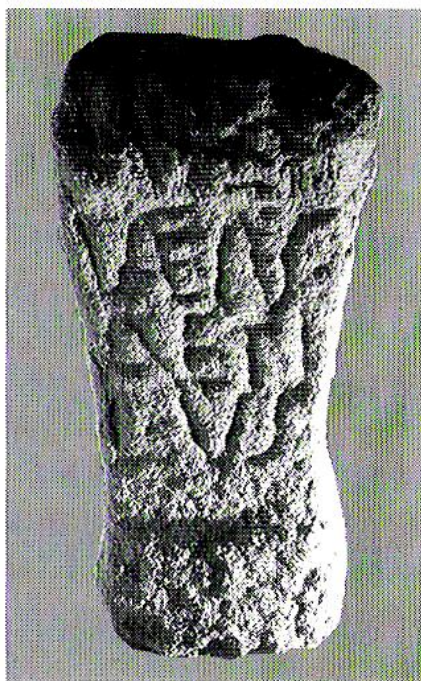
O campo epigráfico ocupa praticamente toda a face anterior da ara que é mais estreita do que as laterais. Por este facto, e devido

¹ Na Vila era já conhecida outra ara votiva de dedicação *Arentiae Equotullaicensi*, divindade tópica: CURADO, Fernando Patrício (1984), «Monumento votivo a Arentia, de Sabugal», *Ficheiro Epigráfico*, 7, n.º 27.

dedicante identifica-se antes de nomear a invocação, o que não é caso raro na epigrafia da Lusitânia. O teónimo encontra-se em dativo com o lapso do O final ou como exemplo raro de dativo indígena. Na análise etimológica do radical encontramos a raiz no indoeuropeu ‘*ai-dh*’ com significado de “ardente”, “fogoso” ou “brilhante”⁷.

A análise paleográfica, a estrutura textual e a tipologia simplificada do monumento sugerem uma datação da primeira metade do séc. I.

MARCOS OSÓRIO



309

⁵ Não devemos considerar como paralelo o *Bandua Aetobricus* de Sarteaus, Xinzo de Limia (Ourense): CIL II 2512. A releitura da inscrição de Ourense permitiu constatar tratar-se apenas da referência a um *V(ico) Nemetobriga*: ALBERTOS FIRMAT, M^º. de Lourdes (1990), «Los topónimos en -Briga en Hispania», in *Velicia*, 7, Vitória, p. 132 (agradecemos cordialmente a Fernando Patrício Curado por nos ter proporcionado esta achega). Tendo sido esta a interpretação de uma inscrição de Alenquer dedicada a *Banduaetobricvs*: ENCARNÇÃO, José d^º; FERREIRA, F. Bandeira; ALMEIDA, J. Mendes de (1976), «Uma árula a *Banduaetobricvs* – additamentum», *Conimbriga*, XV, pp. 140-147; teremos que rever também a sua leitura, da qual, já na altura, Maria de Lurdes Albertos manifestou reservas: ver p. 144, nota 12. Vai, de facto, noutro sentido, a recente interpretação de Manuela Alves Dias: *Bandua Horrico* (*Epigrafia latina do Museu Municipal Hipólito Cabaço* (Alenquer), Lisboa, 2001, pp.26-28).

⁶ ALARCÃO, Jorge de (2001), «Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos)», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, n.º 2, p. 315.

⁷ FERNANDEZ-ALBALAT, Blanca (1990), *Guerra y Religión en la Gallaecia y la Lusitania Antiguas*, A Coruña, pp. 112-113.

aos danos sofridos do lado direito, pensámos inicialmente na eventualidade de o texto estar incompleto. Verificámos, porém, que apenas a base e o capitel terão sido afectados pela reutilização.

O texto apresenta-se distribuído por três linhas, com a identificação do dedicante, a menção do teónimo e a fórmula final, sobrando ainda algum espaço abaixo da última linha. Nota-se a preocupação do *ordinator* em colocar as palavras segundo um eixo de simetria e as três linhas dispostas de forma triangular invertida.

As letras da inscrição lêem-se com facilidade, mas são irregulares e mais altas que largas, gravados sem recurso à marcação de linhas auxiliares: N da l. 1 desproporcionado em relação aos restantes; SS bastante abertos, inclinados para a frente. Pontuação correcta, tendo sido empregue após o nome do dedicante e na fórmula final.

Na l. 1, o antropónimo foi gravado propositadamente com recurso a dois nexos seguidos na mesma palavra, pouco usual na epigrafia: um engendroso nexos quádruplo VALE e a forma original de anexar NS, com o intuito de colocar o dedicante em toda a extensão do cabeçalho.

O dedicante identifica-se apenas com um *cognomen* latino comum, bem documentado na Península Ibérica², mas com raros testemunhos nesta região. Trata-se, provavelmente, dum indígena romanizado que não indica a filiação. Seria pouco provável a leitura, na l. 2, do patronímico AETI ou AETI(i), pois então o monumento faria omissão da divindade reverenciada ou esta só poderia estar gravada no capitel que se encontra picado. Acresce, ainda, o facto de que *Aetus* ou *Aetius* são nomes praticamente desconhecidos na Península³.

Com base numa inscrição votiva de Alcaria (Fundão), dedicada a *Aetius*⁴, julgamos ver aqui referenciada também a mesma divindade, tratando-se do segundo caso conhecido⁵ devendo pôr-se de parte a hipótese dum mero carácter tutelar tópico⁶. Assim, o

² VIVES, José (1971 e 1972), *Inscripciones Latinas de la España Romana* (=ILER), Barcelona, pp. 760-761.

³ Vide: ALBERTOS FIRMAT, M^a. de Lourdes (1966), *La Onomástica Personal Primitiva de Hispania Tarraconense e Bética*, Salamanca; ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (1994), *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Murcia, p. 260. Segundo estes autores seriam mais comuns os antropónimos *Aeturus/ra*, *Aeteius*, *Aetolis* ou *Aetaba*.

⁴ VAZ, João Luís da Inês (1977), «Inscrições romanas do Museu do Fundão», *Conimbriga*, XVI, pp. 6-7. Nesta inscrição encontramos também semelhanças na paginação invulgar do texto, na origem do dedicante e na fórmula final.